

# A BIBLIOTECA UNIVERSITÁRIA E A PANDEMIA DO NOVO CORONAVÍRUS: REFLEXÕES E PROSPECTIVAS

The university libraries and the new coronavirus pandemic: reflections and prospects

1

Lucas Martins Kern Graduação em Biblioteconomia pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Bibliotecário na Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUC RS). [bibliotecario.lucas@yahoo.com.br](mailto:bibliotecario.lucas@yahoo.com.br)

## RESUMO

A pandemia provocada pelo novo coronavírus impõe o fechamento temporário e imediato das bibliotecas por se caracterizarem como locais fechados, com pouca circulação de ar e a possibilidade de aglomerações. No contexto do ensino superior as aulas estão canceladas em todo o mundo e em cada país que o novo coronavírus se dissemina. Desta forma, o profissional bibliotecário se vê impossibilitado de atuar da maneira tradicional: é necessário reinventar, sobretudo no contexto universitário e no campo da atuação científica. Serviço de referência online, acervos virtuais, incentivo do uso de *e-books* entre outras medidas emergenciais são implementadas. Diante deste cenário o presente artigo conjectura o que o futuro reserva para as bibliotecas universitárias num mundo pós-pandemia. O objetivo é suscitar a reflexão dos profissionais bibliotecários no contexto da biblioteca universitária observando os serviços que se oferece durante a pandemia e as oportunidades e futuros espaços de atuação. Desta forma, reflete o contexto de atuação das bibliotecas de ensino superior antes do fechamento temporário das universidades; analisa as competências técnicas do profissional bibliotecário que atua no atendimento, organização e disponibilização da informação acadêmica e científica; observa as adequações implementadas para o atendimento aos usuários durante a pandemia e, por fim, a partir das reflexões elaboradas prospecta possibilidades e cenários possíveis de atuação no contexto do ensino superior pós-pandemia.

**Palavras-chave:** Bibliotecas universitárias. Bibliotecários de universidades. Pandemia. Biblioteconomia.

## ABSTRACT

The pandemic caused by the new coronavirus impose the temporary and immediate closure of the libraries because they are characterized as closed places, with little air circulation and possibility of agglomerations. In the context of higher education the classes has been canceled around the world and in every country that the new coronavirus has spread. Thus, the professional librarian is unable to act in the traditional way: it is necessary to reinvent, especially in the university context and in the scientific field. Online reference services, virtual collections, incentive to use *e-books* and other emergency measures has been implemented. In this context, this article conjectures about the future of university libraries in a post-pandemic world. The objective is to stimulate reflection for librarians in the university libraries context, observing the services offered during the pandemic and opportunities and future fields of actuation. In this way, considers the context of university libraries before the pandemic and the consequential temporary clousure of universities;

analyzes the technical skills required to the professional librarian who works in the organization and availability of academic and scientific information services; observes the adjustments implemented to assist users during the pandemic and finally based on the elaborated reflections, prospect possibilities and possible scenarios of action in the context of higher education, in the post-pandemic.

**Keywords:** University libraries. College librarians. Pandemic. Librarianship

## 1 CONSIDERAÇÕES INICIAIS

A missão de todas as bibliotecas é oferecer, facilitar e intermediar o acesso à informação, utilizando para isto todos os artifícios teóricos e técnicos para atingir satisfatoriamente seu intento. Desta forma, os bibliotecários são chamados a cumprir sua função, sendo o bibliotecário um profissional de cunho humanista, com formação diversa que perpassa os campos de ordem filosófica e intelectual, e permeia a formação de leitores, práticas de incentivo à leitura assim como questões técnicas e pragmáticas que envolvem a organização do conhecimento e o tratamento da informação. Sendo assim, as bibliotecas universitárias surgem para suprir as necessidades informacionais de seus usuários: a comunidade acadêmica.

Se este cenário parece resolvido e completamente incorporado à realidade das universidades mundiais, é no princípio do século XXI que a maior revolução dos dias modernos tem início através da pandemia provocada pelo novo coronavírus. Neste contexto as bibliotecas estão atingidas em seu âmago: as aglomerações estão desaconselhadas, os espaços físicos não são seguros devido ao risco de contágio e o empréstimo de materiais é modificado, devido ao livro ser um potencial veículo de contaminação. A reinvenção do fazer bibliotecário mostra-se urgente e inevitável. É necessário encontrar um meio para satisfazer a necessidade informacional dos usuários. No contexto do ensino superior a missão é ainda mais arduosa, pois é imperioso oferecer informação técnica, científica, de qualidade e veracidade, e em atendimento virtual de emergência. O mundo, e a atuação das bibliotecas universitárias mudam de forma tão rápida e intensa que é difícil absorver a transição, observar e fazer evoluir tais serviços em um espaço tão curto de tempo.

Neste sentido o problema de pesquisa proposto é: o que o futuro reserva para as bibliotecas universitárias num mundo pós-pandemia? O artigo tem como objetivos: suscitar a reflexão dos profissionais bibliotecários que atuam no contexto do ensino superior e; observar os serviços oferecidos durante a pandemia refletindo as oportunidades e espaços futuros que as bibliotecas universitárias podem ocupar.

A metodologia adotada é de natureza básica, abordagem qualitativa e procedimento bibliográfico. Para responder ao problema de pesquisa e atender aos objetivos propostos, assim estrutura-se o artigo: inicialmente é realizada uma breve análise do contexto mundial pré-pandemia: evolução tecnológica, o contexto das universidades, do ensino superior, das bibliotecas

e das bibliotecas universitárias; em seguida observa as competências técnicas do profissional bibliotecário que atua no contexto do ensino superior, tanto na organização e tratamento da informação quanto no serviço de referência; na sequência analisa o contexto específico da pandemia provocada pelo novo coronavírus, considerando a questão do distanciamento social, o fechamento dos espaços, e observando a implementação de medidas emergenciais tais como o teletrabalho, os serviços oferecidos durante a pandemia, os atendimentos não-presenciais e o uso de mídias sociais, refletindo acerca da atuação das bibliotecas universitárias e dos bibliotecários no espaço digital; por fim busca refletir as funções que as bibliotecas universitárias podem desempenhar frente à comunidade e como bibliotecas e bibliotecários podem estar presentes no contexto da informação científica analisando cenários e possibilidades futuras para as bibliotecas universitárias em um mundo pós-pandemia.

## **2 O CONTEXTO MUNDIAL, AS BIBLIOTECAS E AS BIBLIOTECAS UNIVERSITÁRIAS ANTES DA PANDEMIA DO NOVO CORONAVÍRUS**

O final do século XX e o princípio do século XXI representam uma ruptura no consumo e produção do conhecimento, da informação e do saber na história humana. Desde os primórdios da civilização, na Mesopotâmia, quando a Civilização Suméria inventa a escrita cuneiforme, as escolas, a organização do ensino e os primeiros catálogos de bibliotecas em tabuletas de argila, o conhecimento e a informação são restritos aos mais cultos, nobres ou letrados. Este pensamento irrompe o oceano das eras e encontra guarida ao longo de quase toda a história humana. As civilizações concebem o acesso à informação como poder, sendo o conhecimento um bem extremamente valioso. Por este motivo, com o fim da Idade Antiga, o livro na Idade Média é ornamentado e demonstra simbolicamente o poder nele contido através de seu inegável charme estrutural cuidadosamente manufaturado.

O advento da Idade Moderna surge oferecendo espaço ao paradigma custodial que, de caráter patrimonial voltado à técnica e à memória observa os cuidados relativos aos documentos, sua preservação e custódia (SOARES, 2015, p. 23). De alguma forma o conhecimento contido nestes documentos é consumido, e a informação conhece um usuário, ainda que de forma tímida, devido à mentalidade e aos espaços desenvolvidos com viés patrimonialista.

O paradigma pós-custodial, surge, então, em oposição ao pensamento patrimonial e tecnicista, transferindo a atenção restrita aos documentos em si para o seu conteúdo informacional e a oferta ao usuário da informação. Desta forma o paradigma desloca o viés tecnicista para o aspecto científico e social observando a documentação de forma holística, e não mais focal em um único aspecto (SANTOS, 2018, p. 4). Neste contexto a sociedade da informação encontra a primeira, das cinco leis de Ranganathan “a informação

é para o uso” (FIGUEIREDO, 1992, p. 4). É em meados do século XX, entretanto, que o mundo iniciava a maior revolução da atualidade: a internet.

A internet atual surgiu de uma rede idealizada em meados dos anos 60, como uma ferramenta de comunicação militar alternativa, que resistisse a um conflito nuclear mundial. (...) Assim, as informações seriam transmitidas com rapidez, flexibilidade e tolerância a erros, em uma rede onde cada computador seria apenas um ponto (ou “nó”) que, se impossibilitado de operar, não interromperia o fluxo das informações. (MONTEIRO, 2001, p. 27-28).

A internet e o uso da comunicação digital evoluem no contexto da sociedade da informação. O grande *boom* tecnológico que inicia nos anos 60 do século anterior ecoa nos tecidos invisíveis da grande teia que nos conecta à nuvem digital. O impacto na ciência da informação é inevitável. Assim como o som de um instrumento em uma orquestra faz reverberar outros, na grande sinfonia das transformações sociais o consumo e a produção da informação e do conhecimento são afetados. E de forma natural, direta e intransferível o campo bibliotecário encontra a sua maior mudança desde a invenção dos tipos moveis e da imprensa por Johannes Gutenberg no décimo quinto século da Era Cristã.

Em certos aspectos, a internet parece ser a grande coqueluche do novo século, a ela sendo atribuído o embrião das grandes revoluções sociais que se darão no futuro. Ela vem afetando em muito as bibliotecas do mundo inteiro, trazendo desafios e oferecendo oportunidades aos profissionais responsáveis pelo gerenciamento dessas instituições. (VERGUEIRO, 2010, p. 51).

Ainda no contexto do século XX, Waldomiro Vergueiro já demonstra o grande impacto que a internet vem trazer no mundo e na área de atuação bibliotecária. A obra de Vergueiro é voltada às questões da seleção de materiais, mas a contribuição do autor para compreensão da evolução digital no mundo pré-pandemia é fundamental.

O século XXI inicia com a herança das grandes transformações do final do milênio anterior. O panorama é de uma diversidade de televisores, computadores, telefones celulares e diferentes formatos de tipos de armazenamento de informação digital. A evolução tecnológica, equipamento a equipamento torna-se mais completa, menor em dimensões e maior em capacidades de processamento e armazenamento. A evolução do disco rígido ao disquete, do CD ao pen-drive, do pen-drive ao *sd card*, e do *sd card* ao armazenamento na nuvem tem sido rápida demais. Além disto, os telefones celulares evoluem de forma igualmente acelerada: agora os telefones são

inteligentes (*smartphones*), finos e se conectam rapidamente à grande teia mundial de informação conectada.

Os grandes volumes das robustas enciclopédias são acessíveis ainda nas bibliotecas, mas, na maioria, não passam de uma grande questão ao gerenciamento do acervo e ao desenvolvimento de coleções no que diz respeito à guarda, armazenamento e disponibilização da informação. Os *smartphones* da atualidade apresentam uma solução rápida por comando de voz à qualquer indagação de um utilizador quando conectado à internet. Além disto, a informação disponível na *web* é atualizada constantemente se comparada às volumosas e clássicas enciclopédias. Consultar um volume destes é garantia de fidedignidade, porém, não de atualidade. Além disto, para obter acesso à informação contida nelas é necessário deslocar-se até uma biblioteca, ou gastar uma grande quantia de dinheiro e espaço físico em casa.

No alvorecer do terceiro milênio é necessário que a informação seja atual, fidedigna e de fácil acesso. Nas palavras de Vergueiro (2010, p. 54) é uma questão de “(...) definir critérios que garantam ao interessado a fidedignidade, atualidade e confiança sobre a procedência da informação fornecida via rede eletrônica”. É neste contexto que o profissional da informação do século XXI está inserido. Assim, a universidade também se modifica para atender as demandas de um mundo em transformação. Surge a educação a distância, com cursos que vão da graduação ao doutoramento, reconhecidos pelo Ministério da Educação.

Neste sentido, a ampliação dos espaços de estudos, do presencial ao virtual, está longe de ser a única modificação profunda que o ensino superior deve encontrar. Na realidade a universidade e o contexto acadêmico como um todo necessitam reinventar-se.

Embora seja verdade que as universidades ainda mantêm sua função de ‘consciência da sociedade’, a função crítica das universidades foi deslocada a favor de um papel mais pragmático em termos de oferta de mão-de-obra qualificada e a produção de conhecimento. Essas mudanças não são fictícias. Em vez disso, elas devem ter impacto prático direto no comportamento e funcionamento das instituições de ensino superior. O novo paradigma está trazendo em sua esteira uma nova cultura de responsabilidade, como é evidenciada pela disseminação do ‘gerencialismo’ e uma ética de valor para o dinheiro em todos os sistemas de ensino superior internacionalmente. (GIBBONS, 1998, p. 1, tradução nossa).

Deve-se lembrar, entretanto, que a universidade e o ensino superior não se fazem independentes, mas de uma coordenação entre docentes, corpo técnico-administrativo e a administração superior. A respeito da formação docente também é discutida atualização frente às mudanças no

mundo, fazendo da docência uma atividade que busque a transformação e o desenvolvimento humano. (BEHRENS, 2011, p. 452)

E no campo de atuação do bibliotecário no contexto acadêmico não é diferente. As bibliotecas são o grande cerne da informação e do conhecimento no âmbito da academia, uma vez que ela deve concentrar todo o subsídio necessário à aprendizagem e produção/absorção do conhecimento dos corpos docentes e discentes ligados à universidade.

A revolução digital traz um grande e complexo mundo de informações. É a primeira vez desde o advento da escrita, a criação das escolas, do ensino, da documentação e da organização de documentos que a informação não está restrita exclusivamente aos círculos eruditos. Desta forma a Biblioteconomia e os bibliotecários são envolvidos por este novo mundo, complexo, interdependente, com uma ampla gama de pluralidade de ideias e hiperconectado. As bibliotecas estão em transformação muito antes da pandemia provocada pelo novo coronavírus. É necessário lembrar que é comum associar a sociedade atual à definição de mundo VUCA, acrônimo com origem na língua inglesa que significa: volátil (ritmo acelerado de mudanças); incerto (em razão da imprevisibilidade do futuro), complexo (relações não lineares e interdependentes); ambíguo (incerteza que resulta de diferentes interpretações). (SOUZA, 2018, p. 3).

Neste sentido, talvez a pandemia seja catalisadora de outras grandes, novas e gigantescas mudanças, mas não é a responsável direta pelo cenário de transformação mais recente. O bibliotecário do século XXI, então, deve ter a audácia necessária para atuar neste contexto de constantes mudanças e transformações, compreendendo a biblioteca para além de sua estrutura física.

### **3 O PROFISSIONAL BIBLIOTECÁRIO E A BIBLIOTECA UNIVERSITÁRIA: PERFIL PESSOAL, PROFISSIONAL E COMPETÊNCIAS TÉCNICAS**

Como citado anteriormente a Universidade é uma complexa engrenagem que funciona de forma coordenada entre os corpos técnico-administrativo, docente e a estrutura ligada à administração superior. O bibliotecário que atua em uma biblioteca universitária faz parte do corpo técnico-administrativo, a não ser, é claro, que atue diretamente com prática docente, o que não é objeto de estudo do presente artigo.

Neste sentido, é necessário destacar, primeiramente, que o profissional bibliotecário, para que seja atuante em qualquer meio empresarial deve estar alinhado à missão e aos valores da empresa a qual oferece seus préstimos. E neste ponto cabe observar o que a universidade representa simbolicamente, enquanto instituição.

A universidade surge no final do século XI, durante a Idade Média, período no qual o homem é concebido como um ser divino, devido ao

pensamento cristão tradicional da época (SIMÕES, 2013, p. 136-138). Durante a Idade Média a Universidade está ligada ao sacerdócio e à religião. Segundo Oliveira (2007, p. 114),

História e memória se entrelaçam, permitindo a compreensão desta instituição como espaço do saber universal mediado pelas relações do poder político, já que, ao longo da Idade Média, a universidade esteve ora sob a chancela do poder laico, ora do papado.

Na Idade Moderna, a universidade é reestruturada e dissociada do monopólio da Igreja. A ciência desponta como aspecto estruturante do mundo, e a religião já não detém mais a mesma força de séculos anteriores. (PEREIRA, 2009 p. 30). Na sociedade atual, entretanto, “a universidade é solicitada a formar indivíduos ‘úteis’ à sociedade” (GOERGEN, 1998), ou seja, a universidade é responsável pela formação de profissionais capacitados para atender às demandas sociais em suas necessidades. Goergen (1998), mais à frente, afirma, entretanto, a necessidade de superar esta função primordial da universidade.

É urgente superar este ‘abreviamento’ do papel da universidade que reduziu sua função a formar indivíduos para atender ‘necessidades sociais’, sejam elas quais forem e recuperar seu papel de instância crítica da sociedade a partir de interesses humanos mais amplos democraticamente discutidos.

É possível concluir a história e origem da universidade, que definem seu símbolo institucional, nas palavras de Pereira (2009, p. 50-51):

No presente tempo, que podemos caracterizar como sendo um período histórico que ultrapassa os determinantes da forma de produzir conhecimento da época moderna, a universidade da contemporaneidade não tem uma função ideológica unificadora e nem deve ser pensada como um modelo de eficiência ou como um projeto unificado e unificador, mas ser pensada de forma a ser uma nova instituição para a cultura atual e para a nova forma de produzir conhecimento. Uma forma menos racionalista e finalista e mais holístico e humano.

Neste contexto a universidade é muito mais do que um espaço de formação técnica: é um ambiente para repensar as estruturas fundantes e mantenedoras da sociedade. É constituída como um espaço de discussão de ideias, que preza pela construção do pensamento crítico, analítico e científico.

Schwartzman (2008, p. 4) afirma que “o que une as questões da ciência, da universidade e da ideologia entre si é que todas fazem parte de um todo maior que é a política do conhecimento”. E é exatamente neste contexto em que a biblioteca universitária está inserida: deve oferecer aporte e subsídio para construção do pensamento crítico, analítico e científico.

Não deve ser esquecido, porém, o fato de que a biblioteca universitária brasileira como hoje é conhecida é extremamente inovadora. Miranda (1978, p. 4) afirma que as bibliotecas universitárias são recentes e, no Brasil, surge no século XX. Segundo ele a sociedade atual é ainda emergente e a grande maioria dos profissionais diplomados antes da era atual supriu sua necessidade informacional organizando bibliotecas privadas e coleções departamentais para consultas imediatas.

Uma vez observada, ainda que de forma rápida, o símbolo, significado e significante, que envolve a universidade e o contexto no qual que orbita a biblioteca universitária brasileira é indispensável definir agora o profissional bibliotecário e o seu perfil profissional.

Segundo Mueller (1989, p. 63) a expressão perfil profissional pode ser entendida como um “(...) conjunto de conhecimentos, qualidades e competências próprias dos integrantes de uma profissão”. Entretanto não há uma identidade consensual com a qual todos tenham acordado sobre as limitações ao campo de trabalho do bibliotecário. Além disto, o perfil profissional é indissociável da formação profissional, o que faz relação direta com as instituições que graduam os bibliotecários. (MUELLER, 1989, p. 63-64).

A este respeito, é interessante analisar um dos resultados do Workshop “Bibliotecários do século XXI”. Assis (2018, p. 20) comenta que, num primeiro momento o bibliotecário é um profissional desmotivado para o desempenho de suas atividades. Vários fatores podem estar envolvidos, como o estereotipo da profissão e o fato de que na maioria das vezes biblioteconomia não é a primeira opção de curso escolhida ao aprovar numa prova de vestibular. Entretanto, a autora ressalta que o grupo que discutiu estas questões também apontou para a necessidade de reformular os currículos dos cursos de biblioteconomia, além da atualização do conteúdo estudado. Ainda segundo Assis (2018, p. 20) muito do que é exigido do bibliotecário no mercado de trabalho não está presente durante o período de graduação, e este é um dos principais motivos para o despreparo do recém-formado frente à atuação profissional.

Realizada esta primeira reflexão a respeito da indissociabilidade do perfil profissional e da formação profissional do bibliotecário, cabe definir melhor quem é o profissional bibliotecário. Para tanto, é destacada a definição do termo profissional da informação oferecida pela professora Jussara Pereira Santos (1996, p. 5):

Por profissional da informação entende-se todos aqueles indivíduos que, de uma forma ou outra, fazem da informação o



seu objeto de trabalho, entre os quais, arquivistas, museólogos, administradores, analistas de sistemas, comunicadores, documentalistas e bibliotecários, além dos profissionais ligados à informática e às tecnologias da informação e das telecomunicações.

Buscando uma descrição mais restrita ao profissional bibliotecário e não tão ampla quanto a nomenclatura profissional da informação é possível encontrar a definição de Assis (2018, p. 16):

A literatura científica menciona que o profissional bibliotecário é o responsável por tornar acessíveis as informações desejadas, seja em meio físico, seja digital, aos seus usuários, desenvolvendo o papel de mediador. Como base para o alcance, a recuperação e sua posterior destinação e uso, o bibliotecário adota diferentes técnicas para o tratamento dessa informação: organização, armazenamento e disseminação. Considera-se que esses processos contribuem para a democratização do acesso à informação, ressaltando, assim, a importância do papel do bibliotecário na sociedade.

Neste sentido torna-se claro e evidente que o bibliotecário precisa ter especial apreço pelo seu instrumento de trabalho: a informação. Não obstante ao fato mais óbvio, e inerente ao profissional da informação, é necessário lembrar, entretanto, que diante do paradigma pós-custodial, deve ser observada atenção ao usuário da informação. É pelo usuário que o bibliotecário deve estar presente, para que, através da informação estruturada em um catálogo sistematizado possa proceder a um atendimento. Desta forma, o bibliotecário possui olhar em duas vias: a informação e o usuário. Esta definição não é alterada em qualquer contexto e sobre quaisquer bibliotecas, sejam elas públicas ou privadas. Mas, fundamentalmente, o profissional que atua no contexto universitário encontra, em ambas as vias, um desafio altamente qualificado: tanto a informação quanto o usuário estão inseridos no contexto universitário, no âmbito da análise crítica e da construção científica.

Neste contexto é possível compreender que o bibliotecário da academia deve atuar como um qualificado mediador entre a informação e o usuário. Em face disto é indispensável que os serviços oferecidos pela biblioteca universitária sejam coordenados entre as atividades interna e externa, sendo a primeira no âmbito do tratamento e organização da informação, e a segunda no atendimento ao usuário, no serviço de referência.

É importante destacar que o bibliotecário que atua no âmbito do ensino superior, ainda que seja o único profissional da biblioteca, deve coordenar e sistematizar as atividades interna e externa de forma a não deixar a desejar em qualquer uma das vias apontadas anteriormente. Sem uma coordenação

eficaz a biblioteca irá falhar em sua atividade primordial de suprir as necessidades informacionais dos usuários a que se destina.

### 3.1 A ORGANIZAÇÃO E O TRATAMENTO DA INFORMAÇÃO ACADÊMICA

A informação na biblioteca universitária é caracterizada pela multiplicidade de suportes e recursos informacionais. Neste sentido, o bibliotecário no contexto acadêmico e no tratamento da informação deve dominar diferentes recursos e suportes de informação. Necessita conhecer bases de dados, informação e comunicação científica, repositórios institucionais e livros técnico-científicos, sejam impressos ou digitais, para que tenha conhecimento do material a ele confiado para descrição.

Desta forma, a biblioteca universitária recebe e incorpora em seu acervo recursos de todo o espectro do conhecimento humano, seja ele abrangente ou extremamente específico. Os recursos são variados, como textos teóricos e filosóficos, epistemológicos e fundamentais, até os livros técnicos de prática cirúrgica em emergências cardíacas. Ao bibliotecário do tratamento da informação é desejável conhecimento geral, ainda que *en passant* e primário a respeito de tudo. O domínio pleno do instrumento de trabalho, isto é a informação científica, significa conhecimento de causa, *know-how*, a respeito das diferentes áreas e a hierarquização e sistematização da episteme do conhecimento humano. Na prática, o que se quer dizer, é que o bibliotecário não necessita decorar os códigos de classificação, tampouco as linguagens documentárias, tesouros e listas de cabeçalho de assunto. Mas para que seja possível realizar uma representação temática condizente com o que se espera dele, o bibliotecário deve possuir noção das áreas do conhecimento para que seja possível, com certa agilidade, classificar e indexar com propriedade documentos de áreas completamente diferentes entre si.

No contexto universitário o bibliotecário deve saber que descritores de assuntos, os termos representam conceitos e se relacionam hierarquicamente. Não é necessário decorar nenhum tipo de linguagem documentária. Mas é preciso, entretanto, compreender seu conceito e fundamento, de forma que, ao consultar qualquer manual e realizar a leitura técnica do material a ser indexado, o bibliotecário efetue uma representação condizente. Certamente, ao bibliotecário universitário cabe compreender que, após um documento no âmbito do direito, por exemplo, outro material de área totalmente diversa, como técnicas de filmagem e produção audiovisual deve encontrar sua mesa de trabalho. Desta forma o bibliotecário do tratamento da informação universitária deve possuir excelentes noções de conhecimentos gerais, e saber, não de tudo sobre uma pequena área do conhecimento, mas conhecer um pouco a respeito de tudo. Outra alternativa à biblioteca seria, talvez, sistematizar as áreas do conhecimento oferecendo para cada bibliotecário um segmento específico da informação. Não obstante,

sempre é dirigida a atenção à competência organizacional e sistematização do conhecimento para melhor organização da informação.

E é pelos motivos expostos acima que é indispensável, não somente à biblioteca universitária, mas sobretudo a ela, devido à ampla gama de recursos informacionais, a redação e constante atualização das políticas de tratamento da informação, de indexação e dos manuais práticos e diretos que influenciam na representação temática e descritiva. É preciso registrar qual o manual de catalogação que se segue, a quais princípios faz referência, qual a prioridade da catalogação de materiais, entre outras definições importantes.

O bibliotecário que faz a catalogação do documento deve, portanto, ter consciência da importância da política de indexação e de seus princípios, especialmente a especificidade, a exaustividade, a capacidade de revocação e de precisão do sistema de busca. (...) Acreditamos, portanto, que a política de indexação deve ser compreendida pelas bibliotecas universitárias como uma decisão administrativa a ser representada por meio de uma filosofia que reflita os objetivos da biblioteca e identificada por condutas teóricas e práticas das equipes envolvidas no tratamento da informação da biblioteca para definir um padrão de cultura organizacional coerente com a demanda da comunidade acadêmica interna e externa. (FUJITA, 2009, p. 91-92).

O tratamento da informação, embora seja atividade normalmente desenvolvida no contexto universitário por bibliotecários que não ocupam posições de atendimento, ela deve ser coordenada, com o objetivo final de que a informação chegue ao usuário.

Não obstante toda teoria amplamente discutida e divulgada da competência técnica do catalogador existe uma, especificamente, que é extremamente desejável, senão mandatória, que o bibliotecário catalogador da universidade deve ter: constante estudo e atualização. No contexto do tratamento da informação muitos bibliotecários interromperam seus estudos e análises na 2ª edição do Código de Catalogação Anglo-Americano (AACR2). O RDA (*Resource Description & Access*) ou Recurso Descrição e Acesso é apontado pela IFLA como o sucessor do AACR2 e, para tanto, o bibliotecário deve estar atento a estas mudanças e atualizações. A principal questão a este respeito é de que as AACRs evoluíram a partir das ISBDs e não de modelos conceituais como acontece com o RDA. Não é obrigatório, é claro, que se pense em uma migração imediata. Mas cabe observar que o RDA é estruturado de acordo com os modelos conceituais que o embasam, orientando todo processamento técnico para o atendimento às tarefas do usuário, isto é: encontrar, identificar, selecionar, obter e explorar (IFLA, 2017, tradução nossa).

Uma vez que a missão da biblioteca universitária é suprir a necessidade informacional dos seus usuários, isto é, da comunidade acadêmica, que

necessita de recursos científicos atualizados constantemente, como poderia, o próprio bibliotecário responsável pela organização da informação, oferecer seus préstimos de forma desatualizada?

### 3.2 O SERVIÇO DE REFERÊNCIA NA BIBLIOTECA UNIVERSITÁRIA

Se o bibliotecário ligado ao tratamento da informação tem o objetivo de pensar a organização da informação para o usuário, a tarefa do bibliotecário de referência faz um jogo de palavras, mas não é oposta, e sim, complementar: o bibliotecário de referência deve pensar o usuário para conduzi-lo à informação adequada.

O bibliotecário de referência deve ter capacidades de análise e síntese, além de capacidades pessoais como “acessibilidade, inteligência, conhecimento profissional e intelectual, iniciativa, prudência, perseverança e cortesia”, para atender às questões dos usuários. Além disto, deve ter competências profissionais como domínio de fontes de informação, boa comunicação para condução da entrevista de referência, habilidade para treinar, capacitar e orientar usuários. (SOUZA; FARIAS, 2011, p. 4).

Um profissional de referência competente deve ter experiência que se adquire ao longo da profissão, com “formação sólida, cultura geral, conhecimento da área de atuação, domínio dos métodos e instrumentos”, além de habilidades indispensáveis, tais como: espírito crítico, sentido de antecipação, espírito de decisão, espírito de equipe, sentido de organização, sentido pedagógico, perseverança e rigor (ACCART, 2012, p. 79).

### 3.3 O BIBLIOTECÁRIO NA BIBLIOTECA UNIVERSITÁRIA

O bibliotecário no contexto do atendimento ao ensino superior é um profissional que deve transitar livremente no âmbito da informação científica. A universidade está diretamente ligada ao saber científico e o bibliotecário está no âmago, no cerne, deste tipo de informação.

Pereira (2009, p. 33) afirma que “a ciência tem como principal característica a eterna busca”. Neste caso, se a ciência é a ‘eterna busca’ o bibliotecário é peça chave na engrenagem da universidade. E, neste sentido, a práxis bibliotecária perpassa todos os campos do conhecimento e penetra em todas as áreas do desenvolvimento científico. O saber bibliotecário no contexto do ensino superior deve ser amplo, promovendo uma vasta gama de domínio informacional.

Por óbvio, o bibliotecário da academia não é um oráculo que a tudo conhece. Mas deve atuar, porém, a exemplo de Prometeu, que na mitologia grega vai ao Olimpo roubar o fogo dos deuses. Ora, o que não é o fogo dos deuses, senão o conhecimento em si, capaz de iluminar a obscuridade

sombria das trevas da ignorância? Desta forma o bibliotecário é o mediador, que ao adentrar na morada dos deuses que a tudo conhecem, isto é o Olimpo, deve trazer luz a todos àqueles que na biblioteca chegarem em sua busca. Para tanto, o Olimpo da alegoria, isto é, o catálogo, deve estar estruturado, uma vez que a tocha, que nada mais é do que o suporte, possa carregar a luz ou a informação contida nela. Sem Prometeu na mitologia o fogo dos deuses não chega à humanidade; de forma análoga, sem a atuação do bibliotecário a universidade não produz conhecimento, uma vez que carece da informação provida pela biblioteca.

Neste sentido, o bibliotecário atuante no ensino superior deve aliar teoria e prática, tratamento da informação e serviço de referência pensando na atuação em duas vias, sendo ele o mediador entre o usuário e a informação. Neste sentido, observada a alegoria anterior, cabe destacar que o bibliotecário deve estar preparado para uma olímpiada: a olímpiada do conhecimento.

O bibliotecário no contexto acadêmico não pode temer a desafios profissionais e, se conhecer lacunas em sua formação, deve trabalhar arduamente para saná-las. Além disto, é indispensável conhecer o *ethos* predominante ao seu local de atuação, para que seja possível alinhar sua ordenação lógica, comunicação e exposição de ideias ao contexto da academia. Desta forma, quando no tratamento da informação a indexação e as políticas de catalogação devem estar voltadas ao nível acadêmico; assim como no serviço de referência as estratégias de busca devem condizer com o nível de pesquisa solicitado, observando o nível e profundidade de informação requeridos pelo consulente.

No contexto do ensino superior é tarefa árdua padronizar o tratamento dispensado, seja na questão de desenvolvimento e organização de acervos ou no atendimento. É indispensável certo “tato” ou “*feeling*” para o tratamento da informação e no serviço de referência do contexto acadêmico. Isto porque a padronização e o estabelecimento de manuais, regras e políticas norteadoras da prática bibliotecária requerem cuidados e habilidades, considerando que a biblioteca universitária é caracterizada por uma imensa gama de recursos informacionais disponíveis a diversos públicos e em níveis diferenciados. Neste sentido, as políticas e manuais devem observar os critérios estabelecidos que abranjam a maior parte dos usuários, sem esquecer, porém, dos níveis diferenciados e específicos, tanto em uma das extremidades, como na outra. É preciso observar o atendimento às necessidades informacionais de mestres, doutores, docentes, pesquisadores, assim como de graduandos ou calouros e ainda, sempre que possível, fomentar o uso do livro e a prática da leitura, uma vez que toda biblioteca deve prezar pelo incentivo à leitura.

Através da observação atenta destas questões o bibliotecário pode fazer da biblioteca universitária, senão uma fiel aliada aos princípios da universidade, mostrar-se sustentáculo fundamental, a espinha dorsal da universidade, centralizando todo o subsídio para a formação, informação e

produção de conhecimento acadêmico de qualidade. Para tanto o bibliotecário deve equipar a biblioteca universitária com todo arcabouço necessário ao atendimento acadêmico.

Estudar e compreender os usuários reais e potenciais é observar o presente com olhar voltado ao futuro da universidade. É imprescindível possuir um adequado tratamento da informação com políticas e manuais bem definidos, com terminologia técnica, mas compatível e compreensível pelos usuários; representações descritivas e temáticas consistentes, que apresentem domínio da técnica e prática, oferecendo um nível de descrição detalhado que realmente poupe o tempo do usuário, que permita que a informação seja encontrada, identificada, selecionada, obtida e explorada; oferecer saída de dados e sistema de descobertas compatíveis com o público acadêmico e científico, permitindo a navegabilidade através da relação entre documentos, cumprindo assim todas as tarefas do usuário (IFLA, 2017, p. 15); ofertar treinamentos e capacitações aos usuários da biblioteca orientando quanto ao uso de bases de dados científicas e todo fluxo metodológico da informação científica; ofertar espaços físicos adequados, com recursos tecnológicos compatíveis com a evolução das mídias atuais, oferecendo ao usuário a melhor experiência de uso da informação possível dentro das condições oferecidas pela administração superior da universidade.

Segundo Cunha (2010, p. 11-17) a biblioteca universitária atua nos seguintes segmentos: acervo físico, livro eletrônico, *e-science* (ou conjunto de dados científicos), oferta de espaço físico, serviços e produtos bibliotecários voltados à tecnologia e comunicação da informação, serviço de referência digital, repositórios eletrônicos, inovações e tecnologias e cooperação e compartilhamento entre bibliotecas.

#### **4 A ATUAÇÃO DA BIBLIOTECA UNIVERSITÁRIA DURANTE A PANDEMIA DO NOVO CORONAVÍRUS E PROSPECTIVAS PARA O MUNDO PÓS-PANDEMIA**

Ninguém poderia prever dias ou meses antes, o fechamento temporário e por tempo indeterminado das universidades e demais atividades, assim como as aulas em modalidade a distância sendo consideradas mandatórias em todo o país e em todo o mundo. De forma abrupta, como o são todas as grandes transformações da humanidade, a pandemia fecha os ambientes de trabalho e distancia as pessoas.

Se o bibliotecário é constantemente associado ao livro, principalmente o tradicional livro impresso em papel, ele deve acostumar-se, por tempo indeterminado, a não trabalhar de forma tão direta com o seu principal meio de trabalho. Talvez nunca antes na história tenha chegado o momento de responder à pergunta que bibliotecários ouvem constantemente: é necessário curso superior para colocar livros nas estantes?

É claro que a principal fonte de informação é ainda o livro impresso. Como explica Cunha (2010, p. 11) embora exista informação em rede o acervo

físico das bibliotecas universitárias é rico e compreende uma vasta gama de informação e conhecimento em potencial, sendo seu acervo um dos segmentos de atuação da biblioteca universitária.

Durante a pandemia, entretanto, a biblioteca está fechada e o livro torna-se um potencial disseminador do vírus. A sociedade discute há décadas quais os limites da informação virtual e qual a validade e o fluxo da informação em rede. A ameaça invisível do coronavírus, entretanto, que compreende a grandeza física dos nanômetros necessita de apenas alguns meses para irromper o globo terrestre e transformar o debate teórico em realidade prática do dia a dia.

A pandemia provocada pelo novo coronavírus parece ser um grande catalisador de transformações adiadas há décadas por diversos setores, incluindo a ciência da informação. Os desafios revelados pela pandemia para a atuação profissional na biblioteca universitária não são novidade no horizonte do contexto bibliotecário. Há anos a universidade e a biblioteca vem debatendo a atualização num mundo em constante transformação.

(...) como serão os universitários do futuro e as suas necessidades de informação? Quem serão nossos usuários e que necessidades eles irão demandar ainda não sabemos. As tecnologias de ensino estão mudando, a criação do conhecimento está cada vez mais sendo feita de forma colaborativa, o ensino à distância está caminhando para usos mais intensos. Portanto, análises prospectivas sobre a universidade, a pesquisa, o ensino e os usuários são condições essenciais para a redução das incertezas quanto ao futuro da biblioteca universitária. (CUNHA, 2010, p. 2).

A implementação quase que imediata das universidades aos modelos de aulas e atendimentos a distância, e a adesão a um modelo de trabalho a distância, o popular *home office* (ou teletrabalho), demonstra que mudanças significativas podem ocorrer sem um prefácio definido. As bibliotecas universitárias, na maioria, também se adaptam para atendimentos e práticas de processamento técnico e organização da informação a distância. Nunca nos últimos anos a ciência esteve tão efervescente e a biblioteca universitária possui uma oportunidade tão interessante para demonstrar seu valor.

Desta forma se dá a migração imediata dos ambientes físicos para os ambientes virtuais. A situação, que não é exclusiva da biblioteca universitária, requer que os profissionais e instituições que quiserem sobreviver ao período de crise, e prosperar para além dele, devem observar a capacidade que trouxe o ser humano ao século XXI: a sobrevivência dos mais adaptáveis. Neste âmbito, cumpre destacar que tudo o que é feito por todas as bibliotecas universitárias durante a pandemia do novo coronavírus são uma grande adaptação e, não necessariamente, trata-se de uma implementação de novos serviços embora possa ser observada desta forma. Isto se deve

primeiramente ao fato da imprevisibilidade da pandemia e do fechamento dos espaços físicos que impossibilita um preparo antecipado para migração dos serviços; em segundo lugar porque a implementação definitiva de qualquer serviço requer estudo, planejamento, instrumentos de controle e avaliação. De alguma forma é possível observar que os bibliotecários podem aprender, com o momento de pandemia, que nem tudo que não é estudado, planejado e amplamente analisado, descrito e controlado, necessariamente não é bom. Embora o planejamento em bibliotecas seja tópico de estudo e formação acadêmica, considerado como indispensável, a pandemia demonstra que talvez seja possível um repensar para além da teoria, priorizando de forma mais direta e pragmática o maior impacto no atendimento do usuário, em um curto espaço de tempo.

Um exemplo disto é a função interessante que muitas bibliotecas universitárias adotaram para si de ‘conversar’ de forma mais direta com o seu usuário, demonstrando a instituição como aliada em relação ao bem-estar físico e mental. Muitas bibliotecas têm divulgado conteúdos culturais em redes sociais, tendo o trabalho, inclusive, de fazer um grande apanhado de informações, sendo centralizadora e praticando a ação mediadora entre a informação disponível em rede e o usuário que a busca. A biblioteca universitária tem potencial para tornar-se o grande pólo cultural da academia. São diversas postagens divulgando *lives* culturais, círculos de leitura, opções de dramaturgia gratuitas na rede, visitas virtuais a museus e bibliotecas do mundo todo, entre outros serviços interessantes que a biblioteca universitária divulga atualmente.

Esta proximidade com o usuário é desejável, senão, indispensável à sobrevivência da biblioteca universitária. Quando faz isto a biblioteca abre suas portas, não para receber o usuário que busca uma informação, mas se antecipa a ele, indo ao seu encontro e oferecendo-lhe a informação, caso necessite.

O grande defeito da internet como fonte de informação, fora seu tamanho, está no fato de que ela carece de qualquer forma de controle de qualidade. O fato de os serviços de informação funcionar com razoável eficiência no mundo do papel impresso deve-se a que várias instituições existem para desempenhar a função de filtro de qualidade. (LANCASTER, 2004, p. 358).

O fato interessante a respeito da sociedade pós-moderna é: em outros tempos o potencial usuário não sabe se a informação que ele procura existe, ou se sabe, não tem ideia de como acessá-la exatamente; hoje, porém, a informação está amplamente difundida na rede e tudo compete com a biblioteca, em relação ao tempo e a atenção do usuário. Neste sentido, a biblioteca não deve esperar que o usuário abandone as redes sociais como Whatsapp, Facebook, Instagram (para citar as mais utilizadas no momento) e



vá ao encontro da biblioteca, seja física ou virtualmente. A biblioteca deve estar presente e ir ao encontro do usuário na rede.

Além disto, outra grande mudança que a pandemia traz é a implementação acelerada dos atendimentos virtuais, e os treinamentos e capacitações de usuários nos ambientes digitais. O uso de livros eletrônicos que podem ser adquiridos por bibliotecas, além das assinaturas de bibliotecas virtuais de acesso a *e-books* que oferecem um acervo técnico qualificado estão sendo amplamente utilizados.

No horizonte próximo é possível traçar ao menos duas perspectivas de possíveis nichos que a biblioteca e o bibliotecário da universidade podem atuar: pólo cultural da universidade e mediador da informação científica. Este último pode ser dinamizado e alcançar público maior e será melhor explorado a seguir. Além disto, o teletrabalho em larga escala deve ser mantido ao menos até que surja uma vacina ou um tratamento definitivo para a doença causada pelo novo coronavírus, a COVID-19, uma vez que os ambientes de biblioteca universitária pressupõem um grande número de pessoas, em um espaço fechado, com climatização controlada em razão da preservação dos documentos, e com proximidade física. Abre-se aí um precedente para novas ideias no que tange às áreas que não atendem diretamente ao público na gestão da informação acadêmica, diminuindo os gastos com manutenção e compra de equipamentos e espaços de trabalho presenciais nos âmbitos público e privado. Acrescente-se ainda que pode ocorrer migração definitiva de alguns segmentos do âmbito bibliotecário e do atendimento à informação para modalidades a distância. Talvez os profissionais que atuam com referência ainda permaneçam durante a totalidade de sua jornada de trabalho presencialmente na biblioteca. Sua atuação, porém, deve ser estendida para além da estrutura física. Ao que parece os atendimentos de referência, capacitações e treinamentos de usuários, compra de *e-books*, assinatura de bibliotecas virtuais, são modalidades que chegam definitivamente à biblioteca universitária. Pensando nisto, a gestão e administração de bibliotecas necessita observar que, se as atividades de tratamento e organização da informação podem ser deslocadas para o teletrabalho, o atendimento de referência do futuro pode necessitar de salas especializadas, silenciosas e equipadas com bons computadores, câmeras e acesso à internet de alta qualidade. Resta, neste sentido, uma dúvida: se o usuário compreendeu que pode receber um atendimento do bibliotecário no conforto do seu lar, num futuro pós-pandemia ele estará disposto a deslocar-se até a biblioteca?

Mas há ainda, um grande espaço que nenhum outro segmento profissional ou instituição ousa ocupar e que pode ser preenchido pela biblioteconomia e, em especial, pelo bibliotecário no contexto do ensino superior: a atividade de mediação científica para além do espaço de discussão acadêmica. A sociedade atual carece de um divulgador científico que possa oferecer a linguagem do povo com a devida vênua de todo rito da ciência, em qualquer âmbito. O cenário revelado pela pandemia demonstra um descrédito científico, e que grande parte da sociedade desacredita da ciência e desconhece os métodos que perpassam o linguajar técnico e a mudança

constante de opiniões face novos estudos e entendimentos dos assuntos de qualquer ordem. O mercado e a internet consagraram alguns nomes de docentes, palestrante e acadêmicos, com dom de oratória e domínio das técnicas de ensino que tem divulgado à ciência em outros âmbitos que não o acadêmico. Mas resta, ainda, um espaço, uma vez que a pandemia demonstra um cenário de alienação da grande massa popular quando o assunto é ciência. Este talvez seja um desafio que a classe bibliotecária, em destaque os bibliotecários no contexto da educação de nível superior possam assumir. Uma função mediadora, como portas que se abrem entre a comunidade, o ensino superior e a ciência. Talvez esta mediação seja suficiente para alçar novos olhares sobre a ciência da informação e o profissional que atua no contexto da informação científica.

O bibliotecário, por suas capacidades e competências informacionais, domínio de uso de bases de dados, técnicas de recuperação da informação e organização de acervos, talvez seja o profissional dedicado a intermediar a comunicação científica com a sociedade e, mais do que isto, organizar a informação disponível em rede.

Hoje em dia, não parece provável que a situação caótica causada pelo fenômeno do ‘cada um será seu próprio editor’ seja reversível. Em outras palavras, é difícil visualizar a possibilidade de que alguém poderia impor ou impor normas de qualidade total à publicação ou distribuição através de redes. Por conseguinte, a viabilidade de uma vasta rede como recurso de informação dependerá da imposição de filtros de qualidade similares aos do mundo da impressão em papel. (LANCASTER, 2004, p. 359).

## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A situação caótica que aponta Lancaster (2004, p. 359) leva em consideração o ambiente virtual e digital possibilitado pela internet. Observa a carência de regras e normas na distribuição e na operação de filtros, similares aos existentes na impressão em papel. A pandemia do novo coronavírus, entretanto, movimentou o cenário previamente rabiscado e tonaliza com matizes ainda mais contrastantes o mundo digital em rede hiperconectado. O mundo complexo de antes, deve tornar-se, ainda mais complexo frente às grandes mudanças em todos os âmbitos e segmentos que a pandemia do novo coronavírus será força catalisadora.

Se no passado, quando surgem as universidades, os profissionais que atuam na preservação do conhecimento o fazem sob a égide de um paradigma custodial, tecnicista e patrimonialista, é exigido do bibliotecário do século XX uma mudança de enfoque para um paradigma pós-custodial que observe o usuário como força motriz de toda organização e preservação do conhecimento. No alvorecer deste novo milênio, porém, com a chegada da

pandemia, a caótica informação em rede para a qual Lancaster (2004, p. 359) aponta surge como o grande desafio para o bibliotecário que tem na informação científica seu objeto de trabalho.

Desta forma, durante a pandemia a biblioteca universitária se adapta, aproximando-se dos usuários ao oferecer atendimentos, cursos, capacitações, divulgando eventos e opções culturais, ocupando espaço nas redes e mídias sociais, atualizando as bases de dados e repositórios institucionais, em modalidades virtuais a distância, atuando em teletrabalho.

A reinvenção do profissional bibliotecário imposta pelo cenário anterior talvez não seja o termo mais adequado para o momento. A hora, agora, é de transformação. *Transformação* (DICIONÁRIO, 1986) tem origem etimológica em *trans* (mudança, através ou além de alguma coisa) e *formar* (configuração, modo com o qual algo se manifesta). Em uma concepção profunda e filosófica, compreende-se que transformar pressupõe apresentar algo que, como estrutura fundante, no cerne e em essência, é o mesmo, porém com uma formatação, uma configuração, uma manifestação diferente. É necessário, então, remodelar-se, porém, sobre a mesma base e estrutura. É preciso, por este motivo, olhar para o passado e para todo aporte técnico e teórico, pois são eles que apontam na direção do futuro. Sustentar-se, como fundamento, na teoria que define o fazer bibliotecário, para remodelar-se, então, sobre uma nova estrutura.

É por este motivo que o presente artigo enfatiza a teoria que envolve a práxis bibliotecária, relembra o cunho humanista da profissão, observa a informação científica e o usuário como instrumentos de trabalho do bibliotecário e da biblioteca universitária, e prospecta, com base nas medidas tomadas durante a pandemia, o futuro de atuação da biblioteca universitária. É necessário apoiar-se sobre os pilares fundantes da profissão para transformar-se sem a perda identitária da profissão. Vislumbrar o futuro, com pés ancorados no fundamento técnico e teórico do passado.

Desta forma, responde-se o problema de pesquisa proposto “o que o futuro reserva para as bibliotecas universitárias num mundo pós-pandemia”, voltando o olhar à concepção filosófica do termo *logos*. Termo este de amplo espectro frente à Filosofia e a Teologia. Destaca-se, porém, o termo *logos* como sendo o princípio ordenador, que transforma o caos em cosmos (ordem). O que melhor resume o trabalho do bibliotecário, senão o *logos*, como princípio organizador da informação para mediá-la até o usuário?

## REFERÊNCIAS

ACCART, Jean Philippe. **Serviço de referência: do presencial ao virtual**. Brasília: Briquet de Lemos, 2012.

ASSIS, Tainá Batista de. Perfil profissional do bibliotecário: atual e desejado. In: RIBEIRO, Anna Carolina Mendonça Lemos; FERREIRA, Pedro Cavalcanti Gonçalves (org.). **Bibliotecários do século**

**XXI**: pensando o seu papel na contemporaneidade. Brasília: Ipea, 2018. p. 13-31. Disponível em: [https://www.ipea.gov.br/portal/images/stories/PDFs/livros/livros/180406\\_bibliotecario\\_do\\_sec\\_XXI.pdf](https://www.ipea.gov.br/portal/images/stories/PDFs/livros/livros/180406_bibliotecario_do_sec_XXI.pdf). Acesso em: 25 ago. 2020.

BEHRENS, Marilda Aparecida. Docência universitária: formação ou improvisação. **Educação: Revista do Centro de Educação (Santa Maria)**, v. 36, n. 3, p. 441-453, 2011. Disponível em: <https://www.redalyc.org/pdf/1171/117121313008.pdf>. Acesso em: 22 ago. 2020

CUNHA, Murilo Bastos da. A biblioteca universitária na encruzilhada. **Revista de Ciência da Informação**, v. 11, n. 6, 2010. Disponível em: <https://repositorio.unb.br/handle/10482/14869>. Acesso em: 26 ago. 2020.

IFLA. **Library Reference Model**: a conceptual model for bibliographic information. Netherlands: IFLA, 2017. Disponível em: [https://www.ifla.org/files/assets/cataloguing/frbr-lrm/ifla-lrm-august-2017\\_rev201712.pdf](https://www.ifla.org/files/assets/cataloguing/frbr-lrm/ifla-lrm-august-2017_rev201712.pdf). Acesso em 29 ago. 2020.

FIGUEIREDO, Nice Menezes de. A modernidade das cinco leis de Ranganathan. **Ciência da Informação**, v. 21, n. 3, 1992. Disponível em: <http://revista.ibict.br/ciinf/article/view/430>. Acesso em: 24 ago. 2020.

FORMA. *In*: DICIONÁRIO etimológico nova fronteira da língua portuguesa. 2. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986.

FUJITA, Mariângela Spotti Lopes (org.). **A indexação de livros**: a percepção de catalogadores e usuários de bibliotecas universitárias. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2009

GIBBONS, Michael. Higher education relevance in the 21st century. *In*: UNITED NATIONS EDUCATIONAL, SOCIAL, AND CULTURAL ORGANIZATION WORLD CONFERENCE ON HIGHER EDUCATION, 1998, Paris: [s.n.], 1998. Disponível em: <https://eric.ed.gov/?id=ED453721>. Acesso em: 22 ago. 2020.

GOERGEN, Pedro. Ciência, sociedade e universidade. **Educação & Sociedade**, Campinas, v. 19, n. 63, p. 53-79, 1998. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0101-73301998000200005>. Acesso em: 25 ago. 2020.

LANCASTER, F. W. **Indexação e resumos**: teoria e prática. 2. ed. Brasília: Brique de Lemos, 2004.

MIRANDA, Antonio. **Biblioteca universitária no Brasil**: reflexões sobre a problemática. *In*: SEMINÁRIO NACIONAL DE BIBLIOTECAS UNIVERSITÁRIAS, 1., 1978, Niterói. **Anais [...]**. Niterói: [s.n.], 1979. Disponível em: [http://antoniomiranda.com.br/ciencia\\_informacao/BIBLIOTECA\\_UNIVERSITARIA\\_.pdf](http://antoniomiranda.com.br/ciencia_informacao/BIBLIOTECA_UNIVERSITARIA_.pdf). Acesso em: 22 ago. 2020.

MONTEIRO, Luís. A internet como meio de comunicação: possibilidades e limitações. *In*: CONGRESSO BRASILEIRO DA COMUNICAÇÃO, 24., 2001, Campo Grande. **Anais [...]** Campo Grande: Intercom, 2001. Disponível em: <http://www.portcom.intercom.org.br/pdfs/62100555399949223325534481085941280573.pdf>. Acesso em: 23 ago. 2020.

MUELLER, Suzana Pinheiro Machado. Perfil do bibliotecário, serviços e responsabilidades na área de informação e formação profissional. **Revista de Biblioteconomia de Brasília**, v. 17, n. 1, p. 63-70,

jan./jun. 1989. Disponível em:

[https://brapci.inf.br/\\_repositorio/2011/07/pdf\\_aa5a44ef6f\\_0017684.pdf](https://brapci.inf.br/_repositorio/2011/07/pdf_aa5a44ef6f_0017684.pdf). Acesso em: 23 ago. 2020.

OLIVEIRA, Terezinha. Origem e memória das universidades medievais: a preservação de uma instituição educacional. **Varia Historia**, Belo Horizonte, v. 23, n. 37, p. 113-129, 2007. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/vh/v23n37/v23n37a07.pdf>. Acesso em: 26 ago. 2020

PEREIRA, Elisabete Monteiro de Aguiar. A universidade da modernidade nos tempos atuais. **Avaliação: Revista da Avaliação da Educação Superior (Campinas)**, v. 14, n. 1, p. 29-52, 2009. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/aval/v14n1/a03v14n1.pdf>. Acesso em: 26 ago. 2020.

SANTOS, Elisângela Vilela dos. A ciência da informação no contexto do paradigma pós-custodial e da pós-modernidade. **Páginas A&B, Arquivos e Bibliotecas (Portugal)**, n. 10, p. 3-16, 2018. Disponível em: <https://brapci.inf.br/index.php/res/v/109275>. Acesso em: 25 ago. 2020.

SANTOS, Jussara Pereira. O moderno profissional da informação: o bibliotecário e seu perfil face aos novos tempos. **Informação & Informação**, v. 1, n. 1, p. 5-13, 1996. DOI: 10.5433/1981-8920.1996v1n1p5. Disponível em: <https://brapci.inf.br/index.php/res/download/45559>. Acesso em: 22 ago. 2020.

SCHWARTZMAN, Simon. **Ciência, universidade e ideologia**: a política do conhecimento. Rio de Janeiro: Centro Edelstein de Pesquisas Sociais, 2008. Disponível em: <http://www.schwartzman.org.br/simon/polcon.pdf>. Acesso em: .

SIMÕES, Mara Leite. O surgimento das universidades no mundo e sua importância para o contexto da formação docente. **Revista Temas em Educação**, v. 22, n. 2, p. 136-152, dez. 2013. Disponível em: <https://periodicos.ufpb.br/index.php/rteo/article/view/17783/10148>. Acesso em: 22 ago. 2020.

SOARES, Ana Paula Alves; PINTO, Adilson Luiz; SILVA, Armando Malheiro da. O paradigma pós-custodial na arquivística. **Páginas a&b**, s. 3, n. 4, 2015. Disponível em: <http://ojs.letras.up.pt/index.php/paginasaeb/article/view/996/905>. Acesso em: 25 ago. 2020.

SOUZA, Lídia Ramos Aleixo de et al. Reflexão sobre a dinâmica do “mundo VUCA” e seu impacto na educação profissional a distância. In: CONGRESSO INTERNACIONAL ABED DE EDUCAÇÃO A DISTÂNCIA (CIAED), 24., 2018, Florianópolis. **Anais [...]** Florianópolis, 2018. Disponível em: <http://www.abed.org.br/congresso2018/anais/trabalhos/5036.pdf>. Acesso em: 29 ago. 2020.

SOUZA, Maria Naires Alves de; FARIAS, Karla Meneses. Bibliotecário de referência e a competência informacional. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE BIBLIOTECOLOGIA E DOCUMENTAÇÃO (CBBBD), 24., 2011, Maceió. **Anais [...]** Maceió, 2011. Disponível em: <http://www.febab.org.br/congressos/index.php/cbbd/xxiv/paper/view/530/674>. Acesso em: 25 ago. 2020.

TRANS. In: DICIONÁRIO etimológico nova fronteira da língua portuguesa. 2. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986.

VERGUEIRO, Waldomiro. **Seleção de materiais de informação**: princípios e técnicas. 3. ed. Brasília: Briquet de Lemos, 2010.